

TEOLOGIA PARA LEIGOS



Pontifícia Faculdade de Teologia
Nossa Senhora da Assunção

50 Anos

(Unidade Santana)

Endereço: Rua Voluntários da Pátria, 1653

Fonefax: (11) 6221-2417

Horário: das 16:30 às 20:00h

(Unidade Ipiranga)

Endereço: Av. Nazaré, 993

Fone: (11) 274-8600 - r. 24 - Fax: 272-7630

Horário: das 8:00h às 12:00h e das 13:00h às 17:00h

CEIA DO SENHOR E HOSPITALIDADE EUCARÍSTICA: UMA PERSPECTIVA METODISTA

Rev. Prof. José Carlos de Souza

Difícilmente poderíamos expor, de forma exaustiva, a teologia e a prática sacramental metodista, em particular, com referência à Ceia do Senhor¹. A restringir-nos estão não apenas os objetivos imediatos aos quais se destina a presente reflexão – o diálogo promovido pelo CONIC a respeito da hospitalidade eucarística ou os limites impostos pela falta de tempo e espaço para desenvolver mais adequadamente essa tarefa, mas sobretudo a própria natureza do tema proposto.

Com efeito, é impossível considerar a Eucaristia isoladamente, ignorando ou passando por alto outros domínios da investigação teológica. Uma teologia eucarística completa só pode ser oferecida no contexto da compreensão acerca de Deus, da Cristologia, da Pneumatologia, da Soteriologia, da Eclesiologia, da Escatologia, e assim por diante. Afi-

nal, a Ceia do Senhor não é um tema teológico entre outros, mas está no coração da vida e da missão da Igreja. Bem mais do que no centro da adoração cristã, a Eucaristia se relaciona com a origem, o sentido e a razão de ser de nossa fé. Há, por assim dizer, uma dimensão eucarística que perpassa todo pensamento e toda ação que reclamam para si o adjetivo *cristão*. Por isso, ao nos fixarmos no tema “Ceia do Senhor”, precisamos estar conscientes de sua relação com o todo e, conseqüentemente, das limitações de nossa abordagem.

A fim de evitarmos divagações desnecessárias, vamos procurar dirigir a nossa apresentação na resposta às duas questões básicas formuladas para esse diálogo: a primeira, atinente à compreensão teológica da Ceia do Senhor; a segunda, referente ao exercício da hospitalidade eucarística na Igreja Metodista.

¹ Muitas são as expressões, historicamente empregadas, para se referir à refeição litúrgica que a Igreja realiza em obediência ao seu Senhor: partir do pão, eucaristia, sacramento, comunhão, santa ceia, ceia do Senhor, missa, etc., cada qual com sua origem e desenvolvimento peculiares. Com exceção do termo missa, todos são utilizados pelos metodistas, no Brasil, embora a expressão mais comum seja ceia do Senhor ou simplesmente santa ceia.

1. A CEIA DO SENHOR NA VISÃO METODISTA

O metodismo foi um movimento de renovação que se desenvolveu na Igreja Anglicana e, posteriormente, se constituiu como um corpo eclesial autônomo. Suas origens estão ligadas aos irmãos João (1703-1791) e Carlos (1707-1788) Wesley, os quais morreram como ministros da Igreja da Inglaterra. Ambos combateram, com firmeza, tendências separatistas que foram se constituindo, ao longo do tempo, entre as sociedades metodistas. Nenhuma discordância fundamental a respeito das doutrinas ou do culto *oficiais* foi mantida em qualquer época: “Sei que as doutrinas originais da Igreja são sãs; sei que o seu culto é puro e escriturístico”². A propósito, convém assinalar que João Wesley sempre demonstrou profundo amor e reverência para com o *Livro de Oração Comum*³.

À vista disso, entretanto, não é correto deduzir que a teologia metodista é simples reflexo da influência

dos reformadores ingleses. Se a herança anglicana é ponto de partida e referência fundamental, também é certo que os irmãos Wesley, particularmente João, estavam atentos às contribuições advindas de outras fontes. Há de se destacar que, no século XVIII, as acaloradas polêmicas que cercaram a doutrina eucarística já haviam perdido a sua intensidade. “João Wesley tinha a vantagem de viver numa época posterior às controvérsias da Reforma, além de ter um profundo conhecimento da patrística”⁴. Obviamente, a sua reflexão sobre os sacramentos não está isenta de aspectos controversos. Os debates no passado deixaram marcas indeléveis e, até hoje, condicionam a nossa visão. Além do mais, conflitos de interpretação e prática também eram correntes nesse período. Porém, os primeiros metodistas mostraram-se abertos para acolher diferentes pontos de vista, quando não conflitavam abertamente com as Escrituras –

² Correspondência de João Wesley a Samuel Walker *apud* BURTNER, Robert W. & CHILES, Robert E. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1960, pág. 262.

³ No prefácio ao *Sunday Service* (1784), o Livro de Culto da Igreja Metodista, então em formação nos EUA, Wesley não ocultou a sua profunda admiração pelas formas litúrgicas da Igreja Anglicana: “Eu creio que não há liturgia no mundo (...) que exale uma piedade mais sólida, bíblica ou racional do que a do *Livro de Oração Comum* da Igreja da Inglaterra. E embora a maior parte dele tenha sido compilada há mais de dois séculos a sua linguagem ainda é não somente pura, mas forte e elegante no mais elevado grau” (cf. pág. AI).

⁴ WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997, pág. 198.

considerada regra fundamental de fé e prática – a tradição da Igreja, a razão e a experiência. Nessa direção, muitos intérpretes têm descrito João Wesley como um teólogo de síntese, que procurou incorporar elementos de diferentes correntes teológicas, integrando-os num discurso coerente e equilibrado. Pode-se, com certeza, questionar o sucesso desse empreendimento, mas analisando o pensamento de Wesley, é praticamente impossível negar que essa era a sua intenção⁵. Essa mesma disposição tem levado o metodismo mundial a saudar todos os esforços, visando lograr a maior convergência teológica possível, bem como a se empenhar, com dedicação, no diálogo ecumênico.

Não obstante o lugar central ocupado pela Eucaristia na espiritualidade e no pensamento metodistas, Wesley não chegou a escrever um tratado sobre esse tema. O que mais se aproxima disso é a coleção publicada

em 1745: *Hymns of the Lord's Supper*. Em seu prefácio, Wesley resume a obra de Daniel Brevint, *The Christian Sacrament and Sacrifice* (1673; 3ª edição 1739). Não se trata, contudo, de mera apropriação, como sustenta Rattenbury: “A argumentação de Brevint é enriquecida pela experiência evangélica wesleyana, com o resultado de que o livro de Wesley é uma obra original de grande beleza”⁶. Nos cento e sessenta e seis hinos eucarísticos compostos por João Wesley e, na grande maioria, por seu irmão Carlos, encontra-se uma autêntica expressão da teologia sacramental dos primeiros metodistas.

Além desse texto, merece menção uma tríade de sermões, voltados mais para aspectos práticos do que propriamente teológicos, a saber: *The Means of Grace (Os Meios de Graça)*, provavelmente pregado em 1740; *On Attending the Church Service (Sobre a Frequência ao Culto na*

⁵ Com respeito à compreensão de Wesley acerca da Igreja, ministério e sacramentos, Outler observa que ela deve ser reconstituída a partir de “referências espalhadas através de seus escritos”, e acrescenta: “aqui, como no resto de seu pensamento, nós encontramos uma fusão significativa de vários elementos na sua herança anglicana” (OUTLER, Albert C. (ed.). *John Wesley*. New York: Oxford University Press, 1980, pág. 306). Além dos Pais da Igreja, a piedade e a teologia de Wesley com respeito à Ceia do Senhor, ressentem a influência, entre outros, de Thomas Kempis (*A Imitação de Cristo*), Richard Hooker, Jeremy Taylor e, sobretudo, Daniel Brevint. Apenas indiretamente, através de autores anglicanos e puritanos, os reformadores protestantes continentais influenciaram-no nessas questões.

⁶ RATTENBURY, J. Ernest. *The Eucharistic Hymns of John and Charles Wesley*. *Apud* BOWMER, John C. *The Sacrament of the Lord's Supper in Early Methodism*. London: Dacre Press Westminster, 1951, pág. 167.

Igreja), editado em 1787; e *The Duty of Constant Communion (O Dever da Comunhão Constante)*, escrito em 1732, porém publicado com alterações mínimas somente em 1787. O estudo desse tema exige, ainda, que se busquem outras fontes, tais como: *A Companion for the Altar* (1742) – uma abreviação do Quarto Livro da *Imitação de Cristo* de Thomas Kempis, dedicado ao “Sacramento do altar” – e se esteja atento às observações esparsas, constantes no conjunto de sua obra, especialmente em seu *Diário (Journal)*, nas *Explanatory Notes upon the New Testament* (1755), no polêmico *A Roman Catechism, with a reply thereto*, e nos 25 Artigos de Religião do Metodismo Histórico que Wesley preparou com base nos 39 Artigos da Igreja Anglicana, quando o metodismo estadunidense se organizou como Igreja (1784)⁷. Apenas a enumeração dessas fontes já revela algo importante sobre a natureza da teologia wesleyana. Avessa à especulação, ela está diretamente relacionada à vida e à missão das comunidades. É no âmbito da celebração litúrgica, do anúncio da Palavra, da prática evangelizadora,

do testemunho cotidiano e da ação solidária que as preocupações teológicas de Wesley tomam forma e adquirem força e dinâmica. O seu escopo é pastoral no mais amplo sentido; seu objetivo é *espalhar a santidade*, de coração e vida; e seus destinatários são as pessoas comuns, do povo, que participam das *sociedades* metodistas.

Estabelecidos o contexto geral, as influências assimiladas, as principais fontes e a orientação básica da teologia sacramental metodista, os próximos parágrafos irão descrever, sumariamente, os seus elementos fundamentais. De saída, vale ressaltar que a visão metodista não se fixa num determinado aspecto em detrimento de outros. Ao contrário, intenta construir uma postura de equilíbrio, capaz de articular os traços mais significativos da herança cristã. Um breve exame dos títulos das seções do hinário organizado para a celebração eucarística, já mencionado, mostra a abrangência da reflexão wesleyana: (I) “Como memorial dos sofrimentos e da morte de Cristo”; (II) “Como sinal e Meio de Graça”; (III) “Como uma promessa do Céu”; (IV) “a Santa Eucaristia

⁷ Para compreender a posição da Igreja da Igreja Metodista no Brasil, além das fontes citadas, é indispensável consultar os seguintes documentos: *Ritual da Igreja Metodista*, São Paulo: Imprensa Metodista, 1990; *Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Ceia do Senhor*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1996; *Cânones da Igreja Metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1998.

implica um sacrifício”; (V) “A respeito do Sacrifício de nossas pessoas”; e (VI) “Após o Sacramento”⁸.

Um dos primeiros sentidos que vêm à mente para quem lê os relatos neotestamentários da instituição da Ceia do Senhor (1Cor 11, 23-25; Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22.14-20), é de que, nessa celebração, se realiza um memorial (*anamnese*) dos sofrimentos e da morte de Cristo. No sermão em que João Wesley insiste sobre *O Dever da Comunhão Constante*, essa interpretação é categoricamente afirmada: “... nós aprendemos que o propósito desse sacramento é a contínua lembrança da morte de Cristo, pelo comer o pão e beber o vinho, que são os sinais externos da graça interior – o corpo e o sangue de Cristo”⁹. É completamente desnecessário acentuar – porquanto evidente, por diversas formas, na vida da Igreja – o papel central que a memória ocupa no cristianismo, tanto

quanto no judaísmo. Ao lembrar os grandes atos libertadores de Deus, a comunidade de fé toma consciência de si mesma como povo peregrino na história, renova o compromisso com a manifestação do Reino no tempo presente e reafirma a sua esperança, ainda que contra todas as expectativas vigentes. Em particular, a Eucaristia não apenas aponta para os méritos da obra salvadora de Cristo, mas também situa-a no coração da dinâmica cristã, pessoal e comunitária.

É certo que João Wesley tende a fixar o caráter memorial da Ceia na paixão e morte de Cristo, porém, essa limitação tem sido partilhada, até recentemente, por quase todas as correntes teológicas no Ocidente, com raríssimas exceções. Hoje, busca-se compreender a Santa Ceia em conexão com a totalidade da obra de Cristo – a sua encarnação, ministério, ensino, paixão, morte, ressurreição, ascensão e o envio do Espírito Santo

⁸ As seis seções incluem, respectivamente, 27, 65, 23, 12, 30 e 9 hinos cada uma: cf. BOWMER, John C. *Op. Cit.*, pág. 167. James F. White, na obra citada, aduz, ainda, o seguinte comentário: “Os aspectos escatológico e pneumatológico também estão vivamente presentes, assim como o senso de comunhão... Porém, continua de forma crítica: “embora a comemoração e a ação de graças ainda se concentrem apenas na paixão e morte de Cristo” (p. 199). Cf. também GOODLOE, Robert W. *The Sacraments in Methodism*. Nashville: The Methodist Publishing House, 1953, pág. 48-53.

⁹ WESLEY, J. *The Duty of Constant Communion*, I, 5. Texto completo na antologia editada por OUTLER, Albert C. *John Wesley*. New York: Oxford University Press, 1980, págs. 334-344. Há tradução para o espanhol: GONZÁLEZ, Justo L. (ed.). *Obras de Wesley*. Tomo IV: Sermones IV. Franklin, Tennessee: Providence House Publishers, 1996, págs. 219-233.

– ressaltando, ademais, o seu vínculo com a dimensão trinitária da fé expressa pela Igreja. Nesse sentido, a Eucaristia também é ação de graças pelos dons de Deus presentes na criação, redenção e santificação. A propósito, o diálogo entre o Conselho Metodista Mundial e a Igreja Católica Romana (*Relatório de Dublin*, 1976) demonstrou convergência em aspectos importantes referentes à compreensão desse sacramento, com especial destaque nos pontos acima abordados.

A Eucaristia, como sacramento do Evangelho, é a expressão plena do amor de Deus em Jesus Cristo pelo poder do Espírito Santo. Através dela, Deus nos introduz aqui e agora no seu amor. O qual perdoa em sua auto-entrega. É a comemoração da morte sacrificial e da ressurreição de Cristo, clímax da ação plena de Deus na criação e na salvação¹⁰.

A fim de evitar equívocos, convém ressaltar que as expressões comemoração ou memorial, usadas nesse contexto, não podem ser tomadas, em hipótese alguma, como se a Ceia do Senhor fosse um mero ato celebrativo da Igreja, realizado em obediência à instituição do Senhor, e restri-

to exclusivamente ao passado. Aqui, é preciso discernimento. De fato, no sermão acima citado, Wesley deduz das palavras “Fazei isto em memória de mim”, que a participação na Ceia do Senhor é mandamento expresso de Cristo. Por conseguinte, a comunhão constante e não simplesmente freqüente exprime a sujeição do fiel à ordem de Jesus. Deste modo, não é possível negar que a Santa Ceia é ação da Igreja que reconhece, em gratidão e louvor, em adoração e oferecimento de si, os incontáveis benefícios que Deus concede ao seu povo e a toda criação. No ritual da Igreja Metodista, se reproduz uma antiga fórmula litúrgica em que esse significado é claramente reafirmado: “É verdadeiramente digno, justo e de nosso estrito dever que, em todos os tempos e lugares, te rendamos graças, ó Senhor, santo Pai, onipotente e eterno Deus”.

Não obstante, para os metodistas, a Ceia é muito mais do que simples ofício comemorativo. A própria força da expressão *anamnese* – do grego *αναμνησις* (cf. Lc 22,20) – sugere exatamente o contrário. Os termos lembrança, memória, recordação e equivalentes não são capazes de traduzir

a riqueza desse vocábulo nas Escrituras. Eles supõem como ausente o que é apenas evocado mentalmente. No entanto, na Eucaristia, a comunidade celebra a presença real de Cristo ao representar a sua obra, cujos efeitos se tornam atuais na vida daqueles que crêem. Portanto, antes de ser ação da Igreja, a Ceia é ato do Senhor, por meio do qual Ele comunica a sua Graça a toda humanidade. Cristo é o verdadeiro celebrante que, na mesa eucarística, vem ao encontro do seu povo e o serve. Trata-se, pois, de autêntico sacramento e do principal meio de graça.

“O comer aquele pão e o beber aquele cálice não constituem, então, meios exteriores, visíveis, através dos quais Deus comunica a nossa alma toda graça espiritual, a justiça, a paz e o gozo no Espírito Santo, que foram adquiridos pelo corpo de Cristo, uma vez quebrado, e pelo seu sangue, uma vez derramado por nós? Comam, pois, do pão e bebam do cálice, todos os que verdadeiramente desejam a graça de Deus”¹¹.

Assim como sentar-se à mesa com Jesus, durante o seu ministério pré-pascal, constituía-se num sinal seguro de que o tempo messiânico já havia começado, trazendo com ele, a salvação e o perdão, participar da comunhão eucarística também significa receber os benefícios da nova aliança selada em sua auto-entrega; viver, em unidade, a experiência de partilha e solidariedade do povo de Deus e acolher, antecipadamente, o dom escatológico do Reino. Por essa razão, a Ceia não é interpretada nos hinos de Carlos ou nos sermões de João Wesley como uma refeição comum, mas como “alimento espiritual”. No *Discurso VI sobre o Sermão do Monte*, Wesley se reporta aos Pais da Igreja para ampliar o significado da petição “o pão nosso de cada dia nos dá hoje”. Entenderam muitos pais antigos que devemos aí também incluir o pão sacramental, diariamente recebido, de início – antes que o amor de muitos se esfriasse – por toda a Igreja de Cristo, e tido em alta conta como o

¹⁰ “Diálogo Teológico entre Consejo Metodista Mundial e Iglesia Católica Romana: Relación de 1976” in: *Renovación Ecueménica*. Salamanca: Asociacion Ecueménica Juan XXIII, Año XXIII, nº 102, Enero-Abril/1991, pág. 6.

¹¹ WESLEY, João. Sermão XVI: Os Meios de Graça (III, 12) in: *Sermões*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1953, v. 1, pág. 335. Anteriormente, Wesley expôs o que entendia por *meios de graça*: são “os sinais exteriores, palavras ou ações, ordenados por Deus, e designados para esse fim, para serem os canais ordinários pelos quais Ele comunica aos seres humanos a graça preveniente, justificadora e santificadora” (idem, II, 1, pág. 327). A oração, secreta ou comunitária, o estudo da Bíblia e a participação na Ceia do Senhor são apontados como os principais meios de graça. [NB: A tradução foi corrigida e a grafia, atualizada]

grande canal através do qual a graça de seu Espírito se comunica à alma de todos os filhos de Deus¹².

Wesley jamais pôs em questão a presença real de Cristo na Eucaristia – nada poderia ser mais real! Tampouco, considerou os elementos eucarísticos meros símbolos, e sim símbolos que, de fato, comunicam o que representam: “... para quem reta, dignamente e com fé o recebem, o pão que partimos é a participação do corpo de Cristo, como também o cálice da bênção é a participação do sangue de Cristo”¹³. Entretanto, ele rejeitou, com firmeza, interpretar o mistério dessa presença em termos da doutrina da transubstanciação. Segundo a compreensão wesleyana, não se pode comprovar, com base nas

Escrituras, qualquer alteração na substância do pão e do vinho. Apesar disso, Wesley acreditava que havia umnexo efetivo entre os dons de pão e vinho e o corpo de Cristo: “A relação mística que o pão, pela consagração, tem com o corpo de Cristo é suficiente para dar-lhe o nome de Seu Corpo”¹⁴.

A presença real de Cristo na Ceia é entendida não de forma corporal, mas através da mediação do Espírito Santo¹⁵. A leitura dos Pais da Igreja e o conhecimento das antigas liturgias, como a de João Crisóstomo, levaram os irmãos Wesley a reintroduzirem, no ritual da Ceia do Senhor, a oração pela descida do Espírito, a *epiclese*, a qual não constava na edição, então em uso, do *Livro de Oração Comum*.

A invocação do Espírito, que integrava a primeira versão desse livro, elaborada ainda no século XVI, no tempo de Eduardo VI, certamente foi a base sobre a qual Carlos Wesley compôs o poema:

*Vem, Santo Espírito, tua influência
derrama*

*E realiza o sinal;
Tua vida infunde no pão,
Teu poder, no vinho*¹⁶

Se, hoje em dia, esse componente epiclético da celebração eucarística encontra-se um tanto diluído no ritual da Igreja Metodista no Brasil, não há dúvida de que, para Wesley, a atualização da obra de Cristo na vida de quem, com fé, participa da Ceia do Senhor, é parte essencial da obra do Espírito Santo.

De qualquer modo, tendo como pano de fundo as controvérsias sobre a eucaristia que, mais intensamente a partir da Reforma Protestante, dividiram os cristãos, poder-se-ia concordar com a tese defendida pelo *scholar* metodista, Albert C. Outler, segundo a qual, a postura de João e Carlos Wesley reflete a *via média* (o caminho do meio) anglicana entre “o realismo eucarístico extremo (...) e a sua oposição alegórica”. Ambos os irmãos “conceberam a graça sacramental como o amor de Deus em ação na vida das pessoas fiéis, em adoração. A Ceia do Senhor é o paradigma de *todos* ‘os meios de graça’ – o principal meio real de graça real e, como tal, literalmente indispensável na vida cristã”¹⁷.

¹² In *Sermões*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1953, v. 1, pág. 558. Em suas *Explanatory Notes upon the New Testament* (London: Epworth Press, 1977, pág. 38) Wesley, sustenta a mesma opinião: “O pão nosso de cada dia – todas as coisas necessárias para nossas almas e corpos; não somente a comida que perece, mas o Pão Sacramental, e Tua graça, o alimento que subsiste para a vida eterna” (cf. Mt 6,11).

¹³ *Da Ceia do Senhor, Artigos de Religião do Metodismo Histórico* (18). Cf. também nas *Notas sobre o NT*, o comentário de Wesley sobre 1Cor 10,16 (op. cit., pág. 615). No *Relatório de Dublin* (1976), já citado, essa posição é, mais uma vez, reafirmada: “Os metodistas, do mesmo modo que os católicos, crêem que quando recebem os elementos na Eucaristia, mediante a fé, estão consumindo verdadeiramente o Corpo e o Sangue de Cristo, e é nesse sentido que os metodistas afirmam a presença real de Cristo mediada por meio daqueles” (in: loc. cit., págs. 6-7).

¹⁴ WESLEY, J. *A Roman Catechism... with a reply thereto* (*Works*, X, pág. 118), também citado em BOWMER, John C. *Op. Cit.*, pág. 171. A posição metodista, em confronto com a teologia católica, é abordada nas páginas 117-123 (*Works*, X), questões 62 a 74.

¹⁵ Sobre o que segue, veja: BOWMER, John C. *Op. Cit.*, págs. 86-7; e WILLIAMS, Colin W. *John Wesley's Theology Today*. Nashville: Abingdon Press, 1960, pág. 162.

¹⁶ *Come, Holy Ghost, Thine influence shed, / And realize the sign; / Thy life infuse into the bread, / Thy power into the wine*. Com certeza, os Wesleys dariam o seu pleno assentimento ao documento *Batismo, Eucaristia e Ministério*, quando afirma: “O Espírito Santo faz com que Cristo crucificado e ressuscitado esteja realmente presente para nós na refeição eucarística, cumprindo assim a promessa contida nas palavras da instituição” (Rio de Janeiro: CEDI, 1983, pág. 29, cf. os parágrafos 14 e 15 na íntegra).

¹⁷ OUTLER, Albert C. *Op. Cit.*, pág. 333. É interessante notar a convergência entre teologia wesleyana e a posição defendida, mais recentemente, pelo bispo luterano Gustaf Aulén, em obra hoje considerada clássica. Para o teólogo sueco, dois extremos devem ser evitados: a *mecanização sensorial da graça sacramental* e sua *dissolução espiritualista*. “Para a fé cristã, o ato sacramental é simultaneamente ato simbólico e ação real de Deus. (...) Não se trata de uma alternativa, mas sim de incluir ambas as noções. Uma não exclui a outra. Afirmar a idéia *simbólica* contrapondo-a à *realista* significa abrogar os sacramentos como meios de graça. Afirmar a segunda em contraposição à primeira equivale a materializar a presença de Deus. Nenhum ponto de vista, por si só, exprime o ponto de vista característico da fé” (*A Fé Cristã*. São Paulo: Aste, 1965, pág. 323). Nesse ponto, a teologia de Wesley está mais próxima de Calvino (com James F. White, *Op. Cit.*, págs. 198-199) do que de Zwinglio (contra Robert W. Goodloe. *Op. Cit.*, págs. 69-70).

Por essa razão, Wesley se opôs, com energia, a todos quantos menos-prezavam os sacramentos e os outros meios que a Graça divina colocou à disposição do ser humano para o seu crescimento na fé e na santidade. Em especial, ele rechaçou fortemente o quietismo (*stillness*) de alguns grupos morávios, os quais insistiam na necessidade de se abster das obras de piedade e, particularmente, da Ceia do Senhor, sob a alegação de que deveriam esperar no Senhor (cf. Sl 46, 10) até que tivessem fé em Cristo. Por mais atração que o espiritualismo exercesse, os canais instituídos por Deus para nos conceder o seu favor, não poderiam ser ignorados! Por outro lado, Wesley reconhece, igualmente, que há erro entre aqueles que supõem ser suficiente a participação nos sacramentos para assegurar o recebimento das bênçãos divinas. Pensar assim é reduzir a redenção a um processo mecânico materializando, de forma grosseira, a graça divina. Logo, a fé é indispensável.

Firmai em vossos corações que o *opus operatum*, a mera operação realizada, de nada aproveita; que não

há poder para salvar se não no Espírito de Deus; nenhum mérito, a não ser no sangue de Cristo; de modo que, ainda que Deus tenha estabelecido ordenanças, Ele não comunica à alma nenhuma graça, se não confiardes somente no Senhor.

A recomendação que se segue a essa advertência procura ser conseqüente: "... usando de todos os meios, buscai somente a Deus. Em tudo o que é exterior e através de tudo, esperai somente no poder de seu Espírito e nos méritos de seu Filho"¹⁸. Espera-se que o comungante revele, ao menos conhecimento de sua real situação perante Deus, como alguém cuja pecaminosidade o incapacita para obter, por si só, a salvação. Nessa condição, predispõe-se a acolher, com confiança, os benefícios que, somente de Deus, procedem, os quais conduzem à renovação da vida em justiça e santidade. Na verdade, essa é única preparação imprescindível!

Paralelamente a essa ênfase na fé – enquanto resposta viva à ação de Deus em Cristo que, na força do Espírito, nos conduz à imitação de nosso Mestre e Senhor – Wesley concebia

a eucaristia não somente como momento em que a Igreja representava o sacrifício de Cristo, mas também como ocasião na qual os próprios fiéis se apresentavam como sacrifício. Com efeito, João e Carlos Wesley mostraram-se sensíveis ao aspecto sacrificial que a teologia cristã destacou tanto na morte de Cristo, quanto na Ceia do Senhor, como um dos caminhos mais adequados para compreender o mistério da redenção. Além disso, havia, para eles, um vínculo indissolúvel entre a expiação e a Santa Ceia. No entanto, os primeiros metodistas jamais abriram mão da convicção de que "o Senhor, pela oferta de si mesmo, fez um sacrifício pleno, perfeito e suficiente pelos pecados de toda a humanidade" (*Ritual da Igreja Metodista*), não requerendo, portanto, qualquer suplementação. Em vista do seu caráter único, essa oblação não pode ser repetida, mas somente representada na celebração eucarística: "Os antigos sacrifícios foram [realizados] em memória do pecado; esse sacrifício, uma vez oferecido, é ainda representado em memória da remissão de pecados"¹⁹.

Feita essa ressalva, os Wesleys não hesitaram em empregar o vocábulo *sacrifício* para descrever a nossa resposta, pessoal e comunitária, à iniciativa divina, em oração e louvor, em ação de graças e adoração, bem como na entrega de nossas vidas ao serviço de Deus e do próximo. Esse tema, aliás, recorrente nos hinos de Carlos Wesley, teve como inspiração a prece após o rito de comunhão, a qual evocava a exortação paulina em Romanos 12.1: "...aqui nós oferecemos e apresentamos a Ti, ó Senhor, a nós mesmos, nossas almas e corpos, a fim de ser sacrifício vivo, santo e racional a Ti"²⁰. Embora a linguagem sacrificial não seja tão freqüente hoje entre os metodistas, quando se fala na Ceia do Senhor, a dimensão que ela compreende, em termos de vivência comunitária e responsabilidade social, está nitidamente presente, como é possível ler na *Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Ceia do Senhor*:

A Ceia do Senhor é um momento profundamente amplo, fraterno e de comunhão. Sabemos que os seres humanos constroem muros de separação. Nossa sociedade exclui das mesas ora os pobres, ora os negros,

¹⁸ WESLEY, João. Sermão XVI: Os Meios de Graça (V, 4) in: *Sermões*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1953, v. 1, pág. 342. Nas notas introdutórias a essa prédica, o Dr. William P. Harrison, assinala o equilíbrio wesleyano com as seguintes palavras: "Usando de todos os meios como se dependêssemos deles e confiando no Espírito Santo como se fôssemos estranhos àqueles meios, cremos ter atingido a verdade como se acha em Jesus" (op. cit. pág. 321).

¹⁹ WESLEY, J. *Explanatory Notes upon the New Testament*, pág. 621, sobre 1Co 11, 25. Cf. *Artigos de Religião do Metodismo Histórico*: (20) "Da Oblação Única de Cristo na Cruz", in: *Cânones da Igreja Metodista*, 1998, pág. 41.

²⁰ BOWMER, John C. op. cit., pág. 173. Cf. ainda às págs. 173-4, 180-4; e WILLIAMS, Colin W. *Op. Cit.*, pág. 163.

ora as mulheres, ora as crianças. Num contexto de vida onde o alimento se torna motivo de angústia e sofrimento na mesa do povo brasileiro, entendemos ser fundamental que o sentido do repartir o pão seja experiência de partilha e solidariedade²¹.

Desse modo, à constatação – “Vivemos num país onde milhares não têm o que comer” – corresponde o compromisso implícito na liturgia eucarística: “A Ceia do Senhor, além de denunciar as desigualdades e injustiças, propõe à Igreja e ao mundo que ambos sejam um *grande altar de comunhão*, onde buscamos a Deus com nossa fraternidade, amor e justiça”²². A sagrada comunhão implica num estilo eucarístico de viver. Afinal, os discípulos de Cristo são chamados a ser participantes do sacrifício de Cristo, e não apenas assistentes. Ao partilharem, pelo Espírito de Deus, do corpo de Cristo oferecido, de uma vez por todas, no Calvário, o mesmo Espírito os convoca e capacita para, no sacrifício eucarístico, se oferecerem ao Pai celeste, servirem uns aos outros em comunhão, e promoverem a vida num mundo marcado por tanto sinais de morte.

Nesse contexto, é preciso assinalar a dimensão escatológica da Ceia do Senhor como refeição do Reino;

sinal do triunfo final da justiça, da paz, do amor e da verdade; e antecipação da renovação de todas as coisas em Cristo. Ao comer do pão e beber do cálice, a comunidade de fé experimenta o antegozo do banquete messiânico (cf. Lc 22.28-30; Mt 26, 29) e, teimosamente reafirma, contra toda a esperança, que a glória e a restauração futuras já se encontram presentes no mundo como *primícias* do Espírito (cf. Rm 8, 18-25). Os hinos de Carlos Wesley fazem jus a esse aspecto da Ceia do Senhor, relacionando-a com a promessa divina. Se, quando nos reunimos em redor da mesa, há muito de *escatologia realizada*, também oramos “Venha o teu Reino!”, na expectativa de que a obra da salvação, ainda não totalmente consumada, chegue à plenitude. Por isso, essa é igualmente a oportunidade em que a Igreja adquire consciência de si mesma como corpo de Cristo e se desperta para a sua missão e unidade.

Os parágrafos anteriores buscaram mostrar, de forma concisa, alguns dos principais elementos da teologia metodista sobre a Ceia do Senhor. É praticamente impossível verbalizar, a contento, o riquíssimo significado que a celebração eucarística comporta. Fica-se sempre com a impressão de que ainda resta muito a dizer. Por esse

motivo, deveríamos nos guardar de fixar, num ou noutro aspecto apenas, a totalidade do que Eucaristia representa. Nessa perspectiva, a observação do teólogo metodista contemporâneo, Júlio de Santa Ana, soa de maneira profundamente válida:

“... a Santa Ceia surge como um ato que possui uma grande variedade de sentidos. É comunhão; é lembrança de libertação; é compromisso com o Reino; é expressão de uma comunidade militante; é mistério da presença de Jesus Cristo naqueles que creem; é motivação para a unidade; é alimento e força para nos mantermos dinâmicos na luta exigida pelo desdobramento da missão do povo de Deus... É, ao mesmo tempo, sentimento intenso e iluminação da mente; é motivo de obediência a Deus; é convocação ao exercício da esperança. Lamentavelmente, muitas vezes tentamos centrar demasiado o sentido da Eucaristia numa só coisa”²³.

Além disso, a precariedade de nossa linguagem, por si só bastaria para colocar as nossas formulações teológicas sob prudente reserva e, deste modo, abrir-nos para o diálogo permanente. Em suas origens, o movi-

mento metodista cultivou essa abertura, procurando desenvolver uma compreensão realmente abrangente da Ceia do Senhor e de outros temas teológicos. Mesmo em meio a contradições, a Igreja Metodista no Brasil tem buscado preservar esse espírito²⁴.

1. PRÁTICA E HOSPITALIDADE EUCARÍSTICA NA IGREJA METODISTA

É um fato incontestável que, nem sempre, os metodistas demonstraram o mesmo apreço e valorização do sacramento da Ceia do Senhor observados na reflexão e prática dos irmãos Wesley. Esse é mais um elo da herança metodista que se enfraqueceu com o passar do tempo. Não é o caso de retrocedermos às razões desse *esquecimento*, porém, é acertado dizer que o contexto reavivalista – ao introduzir um certo desequilíbrio entre a pregação da Palavra e a ministração dos sacramentos – e a mentalidade pietista – que acentuou a contradição entre a santidade da Eucaristia e conduta nem sempre tão santa dos fiéis – desempenharam um papel relevante nesse processo.

²¹ São Paulo: Imprensa Metodista, 1996, pág. 8.

²² Idem, p. 16, 17 (o grifo é meu).

²³ SANTA ANA, J. *Pão, Vinho e Amizade: Meditações*. Rio de Janeiro: CEDI, 1986, pág. 8-9.

²⁴ Prova disso é a mais recente publicação da Igreja Metodista: *Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre Ecumenismo*. São Paulo: Igreja Metodista, 1999, Col. Biblioteca Vida e Missão, Pastorais, nº 4.

A começar pela frequência das celebrações da Santa Ceia, nota-se o descompasso entre a recomendação de Wesley e a prática metodista atual. No sermão sobre *O Dever da Comunhão Constante*, por exemplo, ele refuta as várias objeções que desestimulam essa prática, lembrando o costume da Igreja primitiva, segundo o qual, a Ceia era parte essencial do culto no dia do Senhor. Durante séculos, argumenta Wesley, o partir do pão era repartido diariamente ou, pelo menos, quatro vezes por semana. Ele próprio manteve essa periodicidade. Em conformidade com isso, a sua expectativa era de que os metodistas conservassem, no mínimo, a celebração dominical. A Igreja Metodista no Brasil, contudo, guarda, por via de regra, a celebração mensal, geralmente no primeiro domingo do mês. De acordo com *As Normas do Ritual*, a juízo do pastor e das igrejas locais, essa frequência pode ser aumentada, porém jamais reduzida. Com base nessa abertura, algumas comunidades têm ampliado a administração do sacramento e redescoberto o valor da piedade eucarística na vida e na missão da Igreja, mas esse movimento está longe de ser generalizado ou de recuperar a centralidade que a Ceia do Senhor ocupava no pensamento de Wesley.

²⁵ Apud HEITZENTRATER, Richard P. *Wesley e o Povo Chamado Metodista*. São Bernardo do Campo/Rio de Janeiro: Editeo/Pastoral Bennett, 1996, pág. 297.

Apesar disso, nem tudo no metodismo contemporâneo se encontra em descontinuidade em relação ao legado wesleyano. Leve-se em conta, a título de ilustração, o que se refere ao celebrante da refeição eucarística. Embora Wesley tenha valorizado sobremaneira o ministério *profético* dos pregadores leigos, em momento algum ele cedeu às pressões para autorizá-los à administração dos sacramentos. Essa função cabia exclusivamente ao ministério *sacerdotal* dos presbíteros. Conquanto fosse bastante crítico do clero em sua época – nem sempre tão notável pelo seu conhecimento ou piedade (como era de se esperar) Wesley insistiu, até o final de sua vida, para que os membros das sociedades metodistas não deixassem de ser assíduos na participação sacramental na Igreja da Inglaterra. Acontece que muitos, alegando as debilidades dos sacerdotes, se esquivavam de tomar parte na liturgia anglicana. O seu ponto de vista, em concordância com Agostinho em sua oposição ao donatismo, é defendido no sermão “Sobre a frequência ao culto na Igreja”, publicado em 1787: “O pouco valor do ministro não impede a eficácia do ritual dado por Deus. A razão é simples; pois a eficácia é derivada não de quem o ministra, mas de quem o ordena”²⁵.

Seguindo a mesma orientação, a Igreja Metodista no Brasil confia apenas ao ministério pastoral, ordenado ou consagrado, a celebração dos sacramentos. Entende-se que essa prática expressa melhor a unidade da Igreja e o fato de que é Cristo quem, efetivamente, comissiona e convida à comunhão.

Outro aspecto importante que os metodistas conservaram de sua herança histórica, com respeito à prática eucarística, é o seu convite aberto e universal. Os teólogos alemães, Klaiber e Marquardt, em sua apresentação sistemática da teologia metodista, resumem com precisão os principais argumentos implicados na posição de Wesley, o qual colocava grande ênfase no fato de que na Ceia, como meio de graça, era experimentado o poder da graça tanto preveniente, como justificante e santificante. E como o desejo sincero por esses efeitos da graça de Deus lhe parecia mais importante que qualquer tipo de preparação especial, ele levou os metodistas a celebrar a “Santa Ceia aberta”, que não excluía ninguém que

quisesse renovar ou experimentar a comunhão pessoal com Cristo, pois não [era] ele, nem os oficiantes [que] convidavam para a Ceia, mas o próprio Jesus Cristo é quem continua a convidar; e quando Cristo convida alguém, este deve ter acesso à mesa de Ceia²⁶.

Wesley mesmo confessa que, durante determinado período, chegou a conceber a Ceia apenas como uma *ordenança confirmadora* (*confirming ordinance*), isto é, designada unicamente para fortalecer a fé daqueles que, pela ação do Espírito, já experimentaram o novo nascimento em Cristo. Entretanto, mudou de opinião, encarando-a também como uma *ordenança convertedora* (*converting ordinance*). Como meio de graça, a Ceia foi instituída para as pessoas que “sabem e sentem que querem a graça de Deus, quer para impedi-las do pecado, quer para mostrar que os seus pecados estão perdoados, quer para refazer a imagem de Deus nas suas almas”²⁷. A imposição da maturidade do novo nascimento, da conversão, como condição para ter aces-

²⁶ KLAIBER, Walter & MARQUARDT, Manfred. *Viver a Graça de Deus. Um Compêndio de Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo/São Paulo: EDITEO/Ed. Cedro, 1999, p. 363.

²⁷ WESLEY, J. *Journal*: 28/06/1740 apud BURTNER, Robert W. & CHILES, Robert E. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1960, pág. 272. Sobre essa questão, veja ainda: GOODLOE, Robert W. *Op. Cit.*, págs. 61-62; WILLIAMS, Colin W. *Op. Cit.*, págs. 163-166.

so à comunhão eucarística, parecia-lhe, pois, absurda. Somente o batismo e o sincero desejo de receber *o que Ele achar de melhor para nós* são vistos como absolutamente necessários.

Fundamentados nesses princípios, a Igreja Metodista no Brasil não possui qualquer dificuldade em acolher à comunhão eucarística todas as pessoas que, com fé, dela desejarem participar. Mesmo as crianças, como herdeiras do Reino de Deus, são admitidas, de preferência acompanhadas pelos pais, familiares ou membros da Igreja, mediante orientação sobre o significado da celebração. Em especial, a hospitalidade eucarística é, nítida e enfaticamente, confirmada nas orientações de nossos bispos:

(5) Em nenhuma hipótese a celebração da Ceia do Senhor será feita a portas fechadas, tampouco negada a qualquer visitante, seja qual for a origem cristã dele ou dela. Nós, Metodistas, afirmamos que a Mesa é do Senhor da Igreja. Sendo assim, todos aqueles que creem em Jesus e estiverem arrependidos de seus pecados estarão aptos a participar da Mesa do Senhor. (...)

(10) A Ceia do Senhor será ministrada àquelas pessoas que estiverem em comunhão com as suas Igrejas.

(11) O pastor ou pastora metodista não poderá negar a Ceia do Senhor a qualquer pessoa que se aproximar da Mesa de Comunhão²⁸.

A Ceia é *do Senhor*, e não um banquete privado da Igreja Metodista. Celebrá-la, num mundo dividido, nos compromete a lutar com o objetivo de superar as barreiras da separação erigidas, não sem pecado, pelo ser humano. Deste modo, a refeição eucarística “deve soar em nossos ouvidos como uma denúncia contra os muros que nós construímos entre nós. Sejam os muros sociais, sejam os muros de idade ou mesmo de maneira de pensar (doutrinários, ideológicos, políticos, etc.)”²⁹. Nessa direção, a hospitalidade eucarística deve ser um sinal que nos motive a buscar incessantemente a expressão visível e plena – em respeito, diálogo e amor – da unidade que temos no único Senhor. Sem esse comprometimento, nossos esforços não nos levarão a lugar algum e teremos de repetir o que, no

ano de 1525, Wolfgang Capito, de Estrasburgo, escreveu: “As gerações futuras rirão do prazer que nossa época tem em discutir, quando levantamos tais problemas sobre justamente aqueles sinais que nos deveriam unir”³⁰.

Bibliografia

AULÉN, Gustaf. *A Fé Cristã*. São Paulo: Aste, 1965.

BOWMER, John C. *The Sacrament of the Lord's Supper in Early Methodism*. London: Dacre Press Westminster, 1951.

BURTNER, Robert W. & CHILES, Robert E. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1960.

Cânones da Igreja Metodista. São Paulo: Imprensa Metodista, 1998.

Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Ceia do Senhor. São Paulo: Imprensa Metodista, 1996, Col. Biblioteca Vida e Missão, Pastorais – nº 2.

Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre Ecumenismo. São Paulo: Igreja Metodista, 1999, Col. Biblioteca Vida e Missão, Pastorais – nº 4.

COMISSÃO DE FÉ E CONSTITUIÇÃO DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Batismo, Eucaristia e Ministério. Convergência da Fé*. Rio de Janeiro: CEDI, 1983.

“Diálogo Teológico entre Consejo Metodista Mundial e Iglesia Católica Romana: Relación de 1976” in: *Renovación Ecueménica*. Salamanca, Asociacion Ecueménica Juan XXIII, Ano XXIII, nº 102, Enero-Abril/1991, págs. 5-8.

GEORGE, Timothy. *A Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GONZÁLEZ, Justo L. (ed.). *Obras de Wesley. Tomo IV: Sermones IV*. Franklin, Tennessee: Providence House Publishers, 1996.

GOODLOE, Robert W. *The Sacraments in Methodism*. Nashville: The Methodist Publishing House, 1953.

KLAIBER, Walter & MARQUARDT, Manfred. *Viver a Graça de Deus. Um Compêndio de Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo/ São Paulo: EDITEO/Ed. Cedro, 1999.

OUTLER, Albert C. (ed.). *John Wesley*. New York: Oxford University Press, 1980.

²⁸ *Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Ceia do Senhor*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1996, págs. 24-5.

²⁹ Idem, pág. 17. Stokes deplora energicamente que “em alguns grupos, os cristãos se sentam juntos e conversam sobre a união da igreja. Mas não podem se ajoelhar juntos diante da Mesa do Senhor”. Para ele, a exclusão, principalmente nesses casos, é injustificável! (STOKES, Mack B. *As Crenças Fundamentais dos Metodistas*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992, pág. 142.

³⁰ Apud GEORGE, Timothy. *A Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994, pág. 144.

- OUTLER, Albert C. (ed.). *The Works of John Wesley*. v. 1: *Sermons I (1-33)*. Nashville: Abingdon Press, 1984.
- OUTLER, Albert C. (ed.). *The Works of John Wesley*. v. 3: *Sermons III (71-114)*. Nashville: Abingdon Press, 1986.
- Ritual da Igreja Metodista*, São Paulo: Imprensa Metodista, 1990.
- SANTA ANA, Júlio H. *Pão, Vinho e Amizade: Meditações*. Rio de Janeiro: CEDI, 1986.
- STOKES, Mack B. *As Crenças Fundamentais dos Metodistas*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992.
- WESLEY, João. *Explanatory Notes upon the New Testament*. London: Epworth Press, 1977.
- WESLEY, João. *Sermões*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1953, 2 v.
- WESLEY, John. A Roman Catechism faithfully drawn out of the allowed writings of the church of Rome: with a reply thereto in: *Works of the Rev. John Wesley*, London: Wesleyan-Methodist Book-Room, s/d, v. X, págs. 86-128.
- WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sino-dal, 1997.
- WHITE, James F. (ed). *John Wesley's Sunday Service of the Methodists in North America*. USA: The United Methodist Publishing House and The United Methodist Board of Higher Education and Ministry, 1984, Quarterly Review Reprint Series.
- WILLIAMS, Colin W. *John Wesley's Theology Today*. Nashville: Abingdon Press, 1960.

A EUCARISTIA CANTADA EM VERSOS

GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA, poeta brasileiro, século XVII, numa demonstração de fé na eficácia da Sacramento Eucarístico como fator intermédio entre a antítese teológica pecado/perdão e o cumprimento da Promessa Divina: a salvação, concretizada pelo alcance da Vida Eterna

Jeni Bertoni Nimtz

A experiência de Deus feita por um homem, ao longo de seus 63 anos de vida, numa época que remonta aos primeiros séculos de um Brasil iniciante nas letras e na história, época por demais conturbada pela existência conflitiva da grande controvérsia *antropocentrismo/teocentrismo*, possibilitou ao poeta barroco a revelação de reflexões profundas sobre a grande verdade da Eucaristia, bem como a oportunidade de transmiti-las como ensinamentos teológicos aos anos posteriores, por meio da veste literária poética que caracterizou uma estilística então emergente.

Fruto teórico e empírico das fases que assentaram a vida de Gregório de Matos, o perceber e o sentir do Cristo na Cruz, numa dimensão do infinito amor de Deus diante da miserabilidade do homem em seu pecado, gerou no poeta de alma barroca a necessidade de curvar a mente e o espírito em busca do Sangue Redentor que jorrou do Santo Lado, matéria-imagem do Divino Alimento que se tornou a grande aspiração dos últimos anos de sua vida.

Não é difícil comprovar a veracidade de tais considerações, se o estudo de algumas poesias de Gregório de Matos – nas quais emerge a temática alusiva – for tomado como referencial para que se delineiem os traços personativos do homem penitente em vista da grandiosidade do Sacramento da Eucaristia. Nesse sentido, a abordagem sobre a etapa derradeira da vida de Gregório de Matos e sua experiência de Deus foi concretizada pelo advento da graça que se sobrepôs a uma vida de pecado, através da presença do Cristo que perdoa e salva para a vida eterna.

É, portanto, nessa fase de vida – predominada pela contemplação do Cristo da dor, da misericórdia, do perdão, feito Cordeiro manso e humilde, entregue ao homem como Pão Eucarístico – que todo o esplendor da poética seiscentista